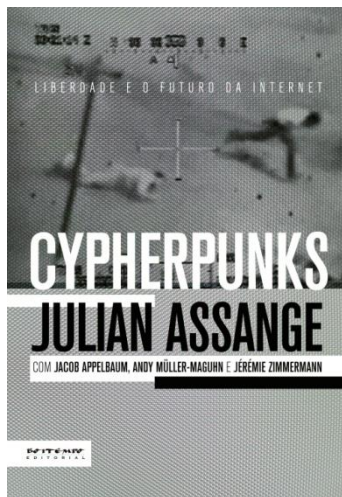


RESENHA:

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks**: liberdade e o futuro da internet. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.

Ramon Taniguchi Piretti Brandão

Mestrando e Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.
ramonbrandao41@hotmail.com



Em *Cypherpunks: Liberdade e o Futuro da Internet* o leitor se depara com um alerta. Alerta, uma vez que o livro defende o sentido de liberdade como valor inalienável ao homem. Isto posto, podemos afirmar que o livro é composto de foros de denúncia no qual o Estado (garantidor de direitos e regulador de deveres) intervém com sofisticados mecanismos de vigilância.

No presente caso, tudo acontece por meio de uma jovem e revolucionária invenção que afeta e transforma profundamente as relações humanas: a *internet*. No entanto – e aqui se encontra o problema que movimenta toda a reflexão da obra – “a internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos. A internet é uma ameaça à civilização humana” (ASSANGE, 2013, p.25). As transformações que a colocam neste patamar claramente negativo vêm ocorrendo de maneira silenciosa e imperceptível, pois “aqueles que sabem o que está acontecendo trabalham na indústria da vigilância global e não têm nenhum incentivo para falar abertamente” (ASSANGE, 2013, p.25).

Julian Assange foi um dos poucos indivíduos que ousou desafiar os limites da internet. Foi através dessa experiência de confronto que o ativista concluiu o que antes parecia inimaginável: “Trata-se de um parasita invasivo, que engorda à custa de sociedades que mergulham na internet. Ele chafurda pelo planeta, infectando todos os Estados e povos que encontra pela frente” (ASSANGE, 2013, p.26).

Ademais, o que o livro tenta trazer para o leitor é a imensa importância da internet como novo campo de batalha político: o modo como é estruturada, monitorada e usada tem sérias ramificações para a organização política e econômica, para a educação, para o

trabalho, para a cultura e para quase todas as demais áreas de nossa vida. E, se é certo que informação é poder, é igualmente certo que muito está em jogo. Assange adverte que o presente livro não deve ser tratado como um manifesto, mas, como dissemos, como um alerta. Afinal, na velocidade irrefreável com o qual o mundo caminha, associado a um universo cibernético onde o controle sobre as pessoas é não somente possível, mas inevitavelmente realizável, a catástrofe se faz iminente e a ameaça de uma “distopia da vigilância pós-moderna” assombra o futuro da civilização.

O apelo do livro pode parecer demasiado exagero, afinal estamos todos submetidos cotidianamente às diversas possibilidades libertadoras que a internet pode oferecer. No entanto, retomo aqui uma prerrogativa apresentada por Foucault ao caracterizar o Poder: dizia o autor francês que o Poder nada mais é do que o fruto de relações entre forças de dominação versus forças de resistência. Deste modo, o Poder teria uma face “positiva”; não seria ele um mecanismo que apenas diz “não”, que castiga, que impõe limites. “O que suas análises querem mostrar é que a dominação capitalista não conseguiria manter-se se fosse exclusivamente baseada na repressão” (MACHADO, 2012, p.19). Esse exemplo se aplica perfeitamente quando olhamos para as possibilidades que a internet apresenta em seu atual estágio.

Muitos escritores já refletiram sobre o que a internet significa para a civilização global, mas eles enganaram-se. Enganaram-se porque não têm a perspectiva da experiência direta. Enganaram-se porque nunca se viram cara a cara com o inimigo. Nenhuma descrição do mundo sobrevive ao primeiro contato com o inimigo. Nós nos vimos cara a cara com o inimigo. Ao longo dos seis últimos anos, o WikiLeaks entrou em conflito com praticamente todos os Estados mais poderosos. Conhecemos o novo Estado da vigilância do ponto de vista de um *insider*, porque investigamos seus segredos. Conhecemo-lo da perspectiva de um combatente, porque tivemos de proteger nosso pessoal, nossas finanças e nossas fontes de seus ataques. Conhecemo-lo de uma perspectiva global, porque temos pessoas, recursos e informações em praticamente todos os países do mundo. Conhecemo-lo da perspectiva do tempo, porque temos combatido esse fenômeno há anos e o vimos multiplicar-se e disseminar-se, vez após vez (ASSANGE, 2013, p.25-26).

Assange, além dos exemplos vividos por ele em sua trajetória com o WikiLeaks, nos instiga a rememorar enredos literários de caráter político (lembramos do famoso livro *1984*, de George Orwell). Essa projeção ao imaginário ficcional pode ser compreendida pelo efeito do sentido da ideologia, que em suas tramas passavam praticamente imperceptíveis (só que, no nosso caso, trata-se da perpetuação de uma ideologia capitalista que visa à hegemonia global). Em *Cyberpunks* lemos muito mais do que uma crítica à velha ordem estabelecida enquanto possibilidade voltada a assegurar a prevalência de interesses materiais e políticos ou, conforme o prefácio, “a tirania do imperialismo, que hoje sobrevive no

domínio econômico-militar da superpotência global” (ASSANGE, 2013, p.19); nem é o retorno ao jogo de poder sustentado por embates ideológicos discursivos. Modesto, sem o compromisso de explorar a fundo questões geopolíticas, o livro propõe exatamente nesse contexto de resistência e de luta pela autodeterminação, compreendermos os elementos contributivos à organização e mobilização massiva de movimentos populares que desestabilizam hegemonias tidas como inabaláveis.

No entanto, é para o espectro etéreo de ideologia dominante que a leitura crítica da obra também pode nos remeter, de maneira a vislumbrarmos em sua densidade a existência de uma sólida rede em funcionamento que se volta à vigilância e ao controle social em proporções inimagináveis. Envolvente, o texto estimula nossa memória a retomar fatos recentes e remete-a a elementos fartamente sinalizados em notas de rodapé, indicando links referenciais que atualizam os acontecimentos veiculados pela imprensa ou por documentos oficiais em tribunais de justiça, conferindo os aspectos sinistros que não mais rondam, mas são aplicados soturnamente ao cidadão que, sem perceber, tem sido violado em seu consagrado direito de privacidade.

Quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto. É como ter um soldado entre você e sua mulher enquanto vocês estão trocando mensagens de texto. Todos nós vivemos sob uma lei marcial no que diz respeito às nossas comunicações, só não conseguimos enxergar os tanques – mas eles estão lá. Nesse sentido, a internet, que deveria ser um espaço civil, se transformou em um espaço militarizado. Mas ela é um espaço nosso, porque todos nós a utilizamos para nos comunicar uns com os outros, com nossa família, com o núcleo mais íntimo de nossa vida privada. Então, na prática, nossa vida privada entrou em uma zona militarizada. É como ter um soldado embaixo da cama. É uma militarização da vida civil (ASSANGE, 2013, p.53).

Essa é, indiscutivelmente, a urgência do alerta de *Cyberpunks*: não se trata de uma batalha política e tecnológica, seja para posições políticas de esquerda, direita ou de alternativa radical. E sim de um movimento prático, incisivo e extremamente objetivo amparado em controles democráticos e legais – sim, há leis que legitimam a interceptação e a formação de arquivos de dados. Sabemos, agora com certeza, que o aparato tecnológico de vigilância tem o aval político para “gravar” a comunicação de todo mundo, independente de culpa ou inocência. O expediente clandestino e ilegal já não é mais na “velha” prática da escuta telefônica e da campana, mas sim da possibilidade de interceptação e acesso aos “metadados” – o grande arquivo da retenção de dados.

Essa batalha é travada no novo espaço, ao mesmo tempo subjetivo e sólido, de funcionamento da Internet. E o aspecto angustiante é que o alerta de *Cyberpunks* revela

que estamos em desvantagem. Cada vez mais e mais acessamos e adquirimos equipamentos tecnológicos que nos permitem a inserção no novo mundo de comunicação online, de eficiência, velocidade e sofisticação na Internet, seja pela telefonia celular, seja por mini/microcomputadores (*tablets*). Antes das tecnologias digitais o espaço de visibilidade na mídia era ocupado por celebridades. Hoje, há uma profusão de mídias de exposição, de circulação da visibilidade acessível a qualquer pessoa; basta clicar no botão “publicar”. “Publicar” significa tornar algo público, permitir acesso a esses dados ao resto do mundo. Quando se clica no botão “publicar” é para a empresa que armazena os dados e ganha dinheiro com esse processo que é dada a autorização de acesso, antes do(s) amigo(s), familiar(es) ou outros usuários da rede.

A questão está se agravando. A complexidade e o sigilo constituem uma mistura tóxica e a letalidade não se concentra no que está oculto, mas na maneira com que se pode utilizar e trazer à tona aquilo que em meios e controles democráticos configuraria direito inalienável do cidadão. Um direito que somente por demanda judicial e em condições extremas e justificadas pode ou poderia ser subvertido de maneira a autorizar a vigilância, a intervenção na privacidade do sujeito pelo Estado repressor. E a legitimação para a intervenção permanente está assentada na metáfora dos Quatro Cavaleiros do Infoapocalipse: lavagem de dinheiro, drogas, terrorismo e pornografia infantil.

Por outro lado, os autores nos convidam a exercitarmos nossa massa crítica ante a manobra de antecipação empreendida pelos Estados e seus aliados – sob o primado da ideologia hegemônica – de forma a desvelarmos o aparente consenso formado em torno da promessa de paraíso do novo mundo da Internet. A Internet é algo muito novo, uma nova capacidade que possibilita que qualquer um escreva e se expresse. Hoje todo mundo tem voz, e muita gente – talvez a maioria – não cuida do que fala ou escreve. No entanto, poder usar essa capacidade de se expressar em público faz com que as pessoas tenham de elaborar seus discursos, e isso, com o tempo, as capacita cada vez mais a participar de discussões mais profundas. Não se trata de uma questão de vanguarda política, e sim de canalizar, através do sistema político, essa nova capacidade de nos expressar, de participar do processo de compartilhamento do conhecimento.

Podemos ler este livro com profundo interesse em desvelarmos as novas formas de funcionamento da ideologia, mas é, por outro lado, urgente lê-lo como alerta à ameaça da liberdade de expressão. Língua, linguagem, comunicação, Internet são pontos que se entrecruzam em movimentos simultâneos sem que possamos descrever o funcionamento dessa lógica oculta de controle e intervenção. É de submissão/assujeitamento ideológico e

necessidade de resistência à violência da vigilância e do controle totalitários que este livro trata e conclama que posicionemo-nos em um lugar no qual seja possível enunciar oposição como desafio ao jogo de todos os jogos – a vigilância total de todas as comunicações.

REFERÊNCIAS

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACHADO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012. p. 7-23.

Recebido para publicação em 07/07/2015

Aceito para publicação em 30/09/2015